

Conceição Tavares anuncia "dias de amargura"

JORNAL DA TARDE
10 DEZ 1986

A economista Maria da Conceição Tavares disse ontem que o sucesso do Plano Cruzado acabou. "Daqui pra frente é só realismo", acrescentou, advertindo os trabalhadores para que defendam o salário real sob pena de haver uma queda dos índices já conquistados. A expectativa da economista e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro é de que os próximos dias serão de "amargura".

Ao comentar ontem a decisão das centrais sindicais de realizar uma greve geral no dia 12 em repúdio ao Cruzado II e pedindo a suspensão do pagamento da dívida externa, Maria da Conceição Tavares disse que o mal maior é a moratória.

— Se o Brasil conseguir negociar bem e não tiver de suspender a dívida, nós poderemos atravessar o próximo ano com um crescimento entre 5 e 6%, tanto da economia quanto dos salários — garantiu.

Se não for assim, ela acredita que o País poderá correr o risco de perder todas as suas reservas e créditos, ficando reduzido à importação do petróleo. "E aí como é que vai ser?", perguntou.

Conceição Tavares também lamentou que as centrais sindicais, que articulam a greve geral, não tenham, em nenhum momento, acenado com uma palavra de apoio ao governo, num momento tão difícil da economia. Ela defendeu a necessidade de os

trabalhadores negociarem com o governo, acrescentando que sua expectativa é de que a greve possibilite "a conversa".

Ela lembrou que os indicadores do Departamento Interministerial de Estudos Econômicos e Estatísticos (Dieese) confirmam que houve um crescimento real dos salários após a implantação do Plano Cruzado. Os aumentos foram "na base de 15% de ganho real", reiterou, lembrando também que esses reajustes, concedidos pelos empresários, tinham o objetivo de forçar "o aumento dos preços".

— Se é para repassar, então não vale nada — disse a economista.

Inflação de 100%?

A inflação do ano que vem poderá ultrapassar a casa dos 100%, principalmente se o governo continuar com as suas contas descontroladas. A estimativa foi feita ontem pelo economista Paulo Rabello de Castro, diretor da revista Conjuntura Econômica, da Fundação Getúlio Vargas, que apontou como principal indicador disso a expectativa inflacionária gerada pela alta de juros e que pode se incorporar a uma inflação real. Ele disse que o governo aumentou 400% o seu estoque de dinheiro em relação ao ano passado — mediante expansão dos meios de pagamentos — esperando que a população mantivesse o nível dos depósitos a vista,

mas o processo acabou se revertendo e se tornando inflacionário, por falta de credibilidade da política econômica.

Paulo Rabello de Castro, depois de debate com empresários de todo o País pela TV-Executiva (via Embratel) — uma promoção da Confederação das Associações Comerciais do Brasil —, afirmou que o governo continuou comprando títulos públicos em "quantidade descomunal" nos últimos meses. Num ambiente de pleno emprego, explicou, "todo aumento de oferta de dinheiro tende a se propagar em cima do governo", mas este não temia uma expansão da moeda e a tradicional consequência da inflação, por julgar que, revertida a expectativa inflacionária, "as pessoas manteriam seus depósitos em caixa".

— Só que isso funciona apenas quando há credibilidade na política econômica e quando o governo demonstra que aquela emissão de moeda não é destinada a cobrir buracos do déficit público. Caso contrário, tudo vira do avesso. Os depósitos de novembro caíram, houve uma volta ao overnight e o efeito disso na multiplicação de preços é inevitável — afirmou.

Ele criticou também o governo por ter "consumido a maior parte das reservas do País numa política econômica equivocada", justamente no momento em que o Brasil estava mais favorecido pelas condições internacionais.